

POLÍTICA ECONÔMICA

Diretores do Banco Central acreditam que ciclo de estagnação acabará nos próximos meses. Um dos motivos é a previsão de novas reduções na taxa de juros, que ocorrerão se a inflação continuar em baixa

BC prevê nova fase para o país

DA REDAÇÃO

O Banco Central (BC) espera que o quadro de desaceleração da atividade econômica brasileira seja revertido neste semestre, o que criaria uma fase de crescimento da produção. A virada, de acordo com o BC, ocorrerá à medida em que se consolidem os efeitos da melhora dos "fundamentos macroeconômicos" sobre a atividade econômica. Um desses efeitos é a queda na taxa de juros. A avaliação está na ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que reduziu a taxa básica de juros de 26% ao ano para 24,5%.

Para o Copom, se for mantida a recente tendência de queda dos índices de inflação, os juros reais deverão cair, no futuro, para níveis inferiores aos atuais. Se isso

ocorrer, a atividade econômica será afetada positivamente, pois taxas mais baixas significam maior volume de compras a prazo e financiamentos à produção.

A ata da reunião do Copom, que reduziu a taxa básica de juros de 26% ao ano para 24,5%, destaca que o BC permanecerá atento à evolução do nível da produção. "A desaceleração na atividade econômica manteve seu curso, com redução nas vendas no varejo, aumento dos estoques e estabilidade da produção industrial." No documento, o BC lembra que a taxa de desocupação medida pelo IBGE aumentou em maio, atingindo 12,8%, mas observa que, por basear-se em nova metodologia, ela não é comparável aos valores observados no mesmo mês de anos anteriores, quando os índices si-

tuavam-se em torno de 8%.

Os diretores do BC também alertam na ata que existe uma defasagem para a resposta da atividade econômica: "Deve-se destacar que boa parte dos indicadores de atividade disponíveis na data da reunião do Copom reflete ainda a resposta defasada da atividade econômica aos efeitos do ambiente macroeconômico adverso prevalecente entre os últimos meses de 2002 e os primeiros de 2003", afirma a ata.

Segundo o Copom, a redução adicional da taxas de juros neste momento não vai comprometer as conquistas recentes obtidas no combate à inflação. Mas isso

não quer dizer que haverá cortes ousados daqui para frente. É o que acredita o economista-

chefe da GAP Asset Management, Alexandre Maia. "Os diretores do Banco deixaram claro que o caminho daqui para frente será o mesmo que o adotado agora. Ninguém deve esperar que nas

próximas reuniões haverá redução na Selic além de 1,5 ponto percentual ao mês."

Câmbio

Na ata, o Banco Central prevê que haverá repasse da valorização do real aos preços e que isso

terá impacto no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) — índice que mede a inflação oficial do governo — mesmo que a taxa de câmbio se estabilize em torno do patamar atual. De acordo com o BC, a valorização do real frente ao dólar, ocorrida desde o início de 2003, ainda não se refletiu na intensidade esperada sobre os preços dos bens comercializáveis. "À medida que o comportamento dos preços no atacado afete parcialmente e com alguma defasagem os preços ao consumidor, ainda há espaço para que a apreciação cambial ocorrida no início de 2003 afete o IPCA", afirma a ata da última reunião do Copom.

Para o economista-chefe da GlobalInvest, Marcelo Ávila, o Banco Central escreveu na ata

nada mais que o óbvio. "Afirmando que a inflação diminuiu e que a política monetária fez efeito. É claro que fez efeito. Tentaram matar uma formiga com um canhão e acabaram deixando de lado o crescimento e o emprego", avalia.

Ávila acrescenta que o cenário à frente, ao contrário do que prevê o Copom, não sinaliza para a estabilização do dólar nos níveis atuais. "O país tem grande volume de vencimentos em dólar que estão para acontecer neste semestre e que vão elevar o câmbio, fazendo com que o BC seja mais conservador na hora de cortar juros. Dólar alto significa que haverá temor de nova pressão sobre preços mais adiante", avalia. Com juros altos, o economista não acredita que o país verá investimento nos próximos meses.

TAXA
24,5%
ao ano é a taxa
básica de juros
definida pelo Comitê
de Política Monetária